

A Linguagem Simbólica no Processo de Religação: HOMEM-INFINITO

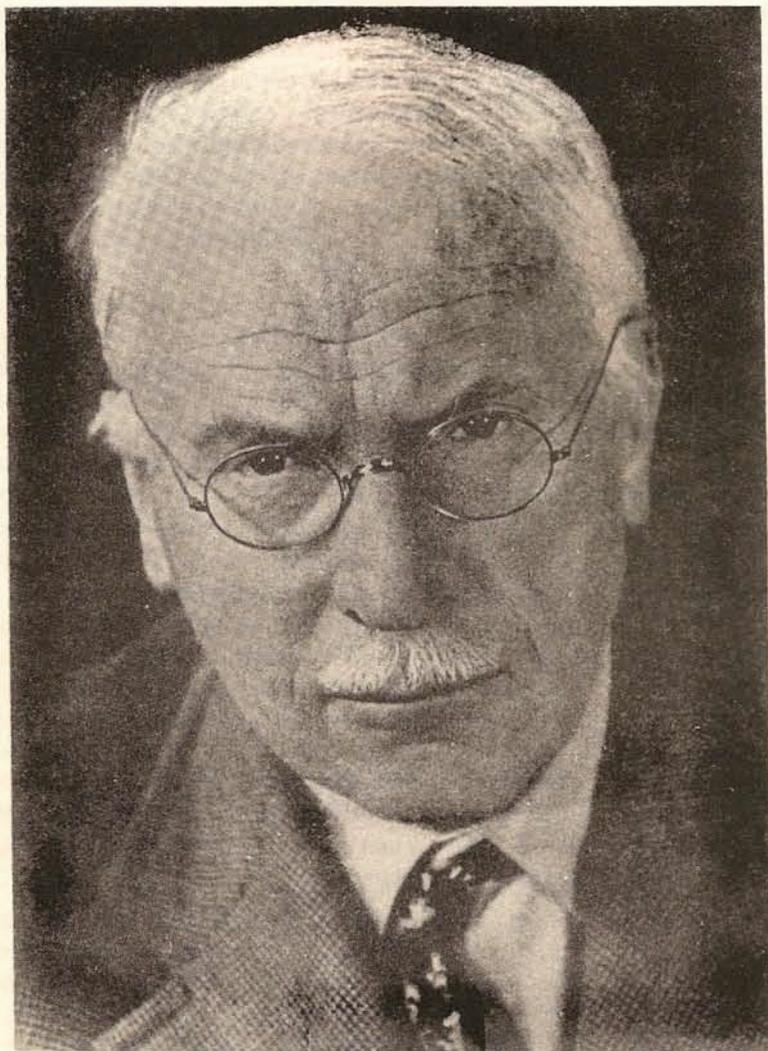
A Simbólica, sendo uma linguagem humana, sem dúvida é universal. Tal aspecto pode ser observado na linguagem onírica, por exemplo, onde o sonho se apresenta com uma certa quantidade de símbolos, fato que levou os psicólogos modernos, como Jung, à construção dos chamados **arquétipos** do subcon-

ciente e do inconsciente, que vão estar presentes em toda nossa vida psíquica sendo mais evidentes nas neuroses. Graças à Psicologia Profunda, os estudos simbólicos tornam-se, dia a dia, mais exigentes e objeto de pesquisas, já que nos símbolos vai se encontrar a fonte para explicar uma série de conceituações religiosas e, tam-

bém, maneiras de sentir o mundo: a **religação entre Homem e Infinito**.

A Simbólica tornou-se, desse modo, uma ciência importantíssima e, quanto a sua aplicabilidade ao estudo das religiões seria, a nosso ver, o verdadeiro caminho para se alcançar o ecumenismo, já que todas as religiões se referem ao mesmo simbolizado, embora os seus símbolos sejam distintos. Apesar de certas religiões quere-rem ser exclusivistas, manter uma posição hierárquica superior às outras, na verdade a linguagem de todas elas é simbólica, pois se referem aos mesmos princípios. Há uma unidade no pensamento humano e, para tal, teria de ser feita uma interpretação simbólica chegando-se, então, à seguinte afirmação: não há impermeabilidade entre uma religião e outra; a diferença está na gradatividade dos símbolos, na escolha qualitativa.

Observa-se entre os povos coletores, caçadores, pastoris, agricultores e nos industriais, que a simbólica vai corresponder a cada um desses estágios, mas se liga, se interpenetra, havendo uma interligação de símbolos. Assim o coletor, quando se torna caçador, não deixa de manter os seus símbolos anteriores; o que se dá é uma amálgama, se não completa, parcial. Há casos de paralelismo, de fusionabilidade, sendo que o grau do significado varia conforme os povos. Por exemplo: os símbolos meteorológicos são muito mais eficientes e estão presentes com mais intensidade num povo agri-



Carl Gustav Jung

possibilidade de ser moldada de diversas e múltiplas maneiras. Então, o que poderiam significar estas "águas" nos textos religiosos? Algo, um termo, que pode receber, indefinidamente, formas. Deus paira sobre tudo isso. Este "pairar" dá a idéia de algo que está acima deste, que exerce uma hegemonia sobre essa potência.



Krishna

Essa potência é algo Dele, algo que Ele pode dominar, que pode marcar, enformar, etc; daí decorre que a idéia de gênese nas *Upanishads*, como a idéia de gênese mosaica, é de que o Espírito de Deus paira, tem hegemonia, tem o poder de enformar uma potência que é infinitamente apta a ser enformada; a capacidade ilimitada de ser enformada, já que existe uma perfeita proporcionalidade entre o infinito poder de Deus e uma infinidade potencial de receber essas atuações. Daí se ver que a Simbólica, sendo tratada pelas reduções eidéticas, permite unir os diversos pensamentos religiosos. Vejamos outro exemplo:

quando Krishna, no *Bhagavad-Gita* diz a Arjuna: "farei elevarem-se acima dos pares de contrários". Onde estão os pares de contrários? São precisamente as espécies nas quais se dividem os gêneros; se há contrários deve haver um gênero que os analogue, acima deles e, neste caso, só pode ser a Suprema Unidade. A promessa de Krishna é de fazer com que Arjuna suba acima das espécies e, conseqüentemente, dos gêneros próximos até os remotos, chegando ao transcendental que está, hegemonicamente e hierarquicamente, acima de todos os contrários. A interpretação simbólica dessa passagem se coaduna com o pensamento cristão a respeito da Divindade. A Simbólica tratada matematicamente, através da dialética simbólica, completa a dialética ontológica e permite que se encontre os pontos analogantes — os *logoi* analogantes — de todas as religiões. Sob esse aspecto as religiões são uma só e o Cristianismo, por ser uma religião do homem, alcança certas revelações das verdades superiores. A Trindade cristã coaduna-se, analogase perfeitamente com a própria trindade do funcionamento espiritual da mente humana, que está dividida em: **entendimento, vontade e amor**. O entendimento é um amor da verdade, a vontade é um amor do bem e o amor é a *oréxis* que une a vontade ao entendimento porque, quando amamos, queremos alguma coisa que escolhamos como digna do nosso amor, de forma que os três se completam, como três funções de uma mesma e única substância. O ser humano, na sua constituição mental, funciona como a concepção que os cristãos fazem da Trindade. O homem, de certo modo, tem uma trindade que é análoga à Trindade Divina, como esta seria a analogante principal e a do homem uma analogante secundária. Fomos feitos à semelhança de

Deus porque, precisamente, possuímos essa trindade dentro de nós. O Cristianismo é uma religião que surgiu de uma revelação através do próprio homem; não depende de raça, ciclo cultural. A prova é que apareceu entre os judeus e se adaptou melhor num ciclo cultural que não o judaico. Por isso o seu Deus teria de ser humano e a sua divindade é encarnada no homem. O sentido da *incarnatio* é profundamente simbólico. O homem do Cristianismo não é movido pelos deuses, algo que é determinado, como um ser que apenas tem de fazer o sacrifício de si mesmo para chegar à Divindade. Nele se dá a superação humana, que é feita pela purificação da vontade, pela clareza e acuidade do entendimento e pelo amor. O Cristianismo pede ao homem que seja perfeito naquilo que ele tem de próprio, de si, aproximando-se assim da Divindade à proporção que se torne perfectivamente mais homem, distinto de todas as outras religiões. É uma religião de caráter ecumênico, universal, podendo oferecer ao homem uma solução para os seus mais angustiosos e premente problemas.

YOLANDA LHULLIER DOS SANTOS